

O LÍDER DO PSDB NA CÂMARA, DEPUTADO JOSÉ ANÍBAL (SP), E O HISTORIADOR E PESQUISADOR DO CEBRAP, LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO, AVALIAM OS PRIMEIROS CEM DIAS DE GOVERNO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. EM SEU ARTIGO, JOSÉ ANÍBAL APONTA OS INIMIGOS DAS REFORMAS: SETORES CARTORIAIS E POLÍTICOS DERROTADOS NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES, MAS QUE AINDA MANTÊM, SEGUNDO ELE, IMPORTANTES ESFERAS DE

100
DIAS

PODER E INFLUÊNCIA, INCLUSIVE NA MÁQUINA GOVERNAMENTAL E NOS PARTIDOS. JÁ ALENCASTRO CONSIDERA CEM DIAS UM PRAZO MUITO CURTO PARA AVALIAR O GOVERNO, MAS O SUFICIENTE PARA DEFINIR OS LIMITES DA ESTRATÉGIA PREPARADA POR FERNANDO HENRIQUE ANTES DA CRISE DO MÉXICO. SEGUNDO ELE, HOUE MUITA BARBEIRAGEM ECONÔMICA NO PLANO EXTERNO E TROMBADAS POLÍTICAS NO PLANO INTERNO.

QUEM SÃO OS INIMIGOS DAS REFORMAS?

JOSÉ ANÍBAL

O governo Fernando Henrique Cardoso tem um firme e claro compromisso com as mudanças. A reforma do Estado brasileiro, oriundo da Era Vargas, é a decisiva delas. Com as deformações e degenerescências que sofrem ao longo dos anos, em particular durante os anos de chumbo dos governos militares, o Estado intervencionista e privatizado atual esgotou seu papel como alavanca de um modelo de desenvolvimento autárquico, socialmente perverso, que hipertrofiou o setor produtivo estatal.

A vitória do presidente Fernando Henrique Cardoso nas urnas expressou a compreensão da sociedade de que já era o momento de enfrentar a crise do Estado brasileiro e de buscar uma alternativa nova, em regime de amplas liberdades, capaz de permitir a retomada do desenvolvimento econômico e o combate efetivo às injustiças sociais. Sem demagogia, sem o discurso fácil das promessas vazias. Demonstrou também que a sociedade brasileira rompeu a lógica da cultura inflacionária e apóia a política

de estabilização econômica que viabilizou o real, a nossa moeda forte, como ponto de partida para essas mudanças e o resgate da cidadania.

O que há de comum entre as propostas dos adversários derrotados nas eleições é a obstrução às reformas que se articula no Congresso Nacional. É a vã ilusão de que é possível a retomada do desenvolvimento sem uma profunda reestruturação do Estado brasileiro. De que ainda é possível estabilizar a economia e promover uma nova política de rendas nos marcos de um modelo econômico nacional-desenvolvimentista que entrou em colapso. É também a incapacidade de compreender a globalização da economia mundial como um processo objetivo e não somente uma política empreendida pelas potências mundiais, um processo que exige a busca de novos parâmetros do relacionamento entre os países e suas economias.

As propostas de emendas constitucionais enviadas pelo Governo Federal ao Congresso Nacional, têm o objetivo de viabilizar a reforma do Estado



brasileiro, redimensionando suas atribuições, enxugando suas estruturas, saneando suas finanças, democratizando suas relações com a sociedade. Os conflitos que emergiram nas últimas semanas, tão logo foi iniciado o debate sobre as mudanças na ordem econômica e de Previdência, revelaram que a vitória nas urnas não alijou do processo os que estão contra as reformas.

Mas quem são os verdadeiros inimigos das reformas? Certamente não são os 15 milhões de aposentados e pensionistas, que temem as mudanças na Previdência propostas pelo Executivo. Estes acabarão sendo, com seus direitos adquiridos respeitados, os maiores aliados do Governo, quando a discussão for ampliada e as propostas governamentais forem melhor esclarecidas e aperfeiçoadas.

Os verdadeiros inimigos das reformas, que alimentam o alarido da oposição e procuram confundir a opinião pública com interpretações econômicas e até mesmo informações falsas, são os setores que ainda

hoje se beneficiam da velha estrutura do Estado brasileiro e suas engrenagens viciadas. São setores cartoriais, burocráticos, corporativos e políticos que já foram todo-poderosos, foram derrotados perante a opinião pública e as principais forças políticas do País, mas ainda mantêm importantes esferas de poder e influência, inclusive na máquina governamental e nos partidos políticos.

Ao priorizar, no momento, a aprovação das emendas na Ordem Econômica da Constituição — que dispõem sobre a empresa brasileira, o gás canalizado, a cabotagem, as telecomunicações e o petróleo — o Governo agiu para retirar das sombras seus verdadeiros inimigos e iniciou a batalha pela reforma no Estado por onde ela deve começar: a remoção do entulho autoritário na economia brasileira, herança do velho regime ditatorial que muitos de seus antigos adversários, por ironia da História, hoje, querem preservar.

José Aníbal (SP)
é líder do PSDB na Câmara
dos Deputados.

12

chefes de Estado, 2
chanceleres e 12
personalidades
internacionais se
encontraram com FHC

25

dos 27 governadores
já estiveram com o
presidente

9

vezes o presidente viajou,
uma delas para o exterior

22

discursos foram
feitos por FHC

1

membro da equipe de governo
se demitiu
(o secretário de Comunicação,
Roberto Muiyaert)

8

vezes FHC usou a
expressão "meu
Deus" em seus
discursos oficiais